

SOLANGE SANTANA GUIMARÃES MORAIS (CESC/UEMA)¹

sogemoraes@gmail.com

ANA CLEIA SILVA PEREIRA (UEMA)²

cleiasp-anal@hotmail.com

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho objetiva analisar a obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960)³, de Carolina Maria de Jesus, a partir de discussões ligadas à ficção, memória e autoafirmação, tendo em vista que a narrativa se configura como um instrumento de resistência ao dar voz a sujeitos historicamente invisibilizados.

O livro avulta a história de uma população subalternizada e, principalmente, dos negros, no Brasil, ao passo que evidencia a rotina de uma mulher pobre e negra que enfrenta vários desafios para conseguir sustentar os filhos. Nesse itinerário, Carolina de Jesus registra todo o seu cotidiano, com o intuito de publicar sua rotina na favela do Canindé, em São Paulo, em meados da década de 1950. Com uma linguagem simples e escrita em forma de diário, a produção conseguiu ultrapassar as fronteiras brasileiras e se tornou um *best seller*.

Trata-se de uma obra que se constitui como um documento de resistência diante da situação de precariedade e privações vividas pela própria escritora, ficcionalizadas através dos seus relatos diarísticos. Carolina de Jesus é considerada uma das literatas mais importantes do país. Ela nasceu em 14 de março de 1914, em Sacramento, interior de Minas Gerais, e, lá, passou grande parte da sua infância. Nesse período, Sacramento ainda respirava os ares da

¹ Possui doutorado em Ciência da Literatura-UEMA/UFRJ(2014), mestrado em Teoria da Literatura-UFPE (2002), especialização em Leitura e produção de texto-PUC/MG(2000). Atualmente, é Professora Adjunto II, 40h, e Diretora dos Cursos de Letras do CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE CAXIAS, da UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura, Teoria Literária, Literatura Comparada, Literatura Maranhense. Docente do Mestrado em Letras/UEMA. Coordenadora da Pós-Graduação em Ensino de Língua Portuguesa- CESC. Membro do Núcleo Estruturante do Curso de Letras do CESC/UEMA. Líder do Núcleo de Pesquisa em em Literatura Maranhense- NuPLiM/CNPq-CESC/UEMA. Pesquisadora no Grupo de Estudos Literários Memória e Arte- GELMA/CNPq - CESC-UEMA. Membro do CEP(Conselho de Ética em Pesquisa) da UEMA. Editora-Chefe da Revista de Letras - Juçara, do Departamento de Letras do CESC-UEMA. Coordenadora da Liga Interdisciplinar dos Cursos de Letras-LICLE/CESC-UEMA.

² Atualmente, é mestre em Teoria Literária pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual do Maranhão. Possui graduação em SERVIÇO SOCIAL pela Universidade Anhanguera - Uniderp (2012). Possui graduação em Letras - Português e Literatura - pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA (2020).

³ Título dado à primeira versão da obra. Para fins analíticos, optamos por fazer uso de uma versão mais recente, de 2014, intitulada *Quarto de despejo*.

escravização de povos negros. Segundo Farias (2017), “a origem escrava era o registro ancestral que marcava a vida da grande maioria dessa população”. Assim, Carolina e sua família sofreram com os resquícios do período escravista, o que a motivou a migrar para outras regiões em busca de melhorias de vida. Nesse percurso, os destinos foram Ubatuba, Franca, Ribeirão Preto, Rio de Janeiro e, por fim, São Paulo, a favela do Canindé, mais especificamente.

Em Canindé, Carolina de Jesus teve seus três filhos. Lá, a autora também conheceu o repórter Audálio Dantas, que, ao ter acesso a seus diários, ficou encantado com seu dom para a escrita. Dantas foi o responsável pela publicação do livro autobiográfico *Quarto de despejo: diário de uma favelada* que, àquela altura, teve uma tiragem de dez mil exemplares. Só durante a noite de autógrafos, foram vendidos 600 livros. Nesse momento, Carolina de Jesus se torna uma celebridade e passa a ser disputada pela alta sociedade paulistana.

O sucesso da obra deu-se, principalmente, pelo fato de Carolina ficcionalizar, sob o olhar do excluído, várias questões sociais oriundas do período escravocrata e das transformações socioeconômicas que o país enfrentava na época, como a redemocratização, iniciada com o governo de Getúlio Vargas (1951-54), e o projeto desenvolvimentista e internacionalizante da economia brasileira do governo de Juscelino Kubitschek (1956-61).

Os diários de Carolina de Jesus serviram não apenas para registrar seu cotidiano, mas para denunciar as violações de direitos sofridas pelos negros, mulheres e pobres da sociedade brasileira da época. Nessa direção, Philippe Lejeune (2014) ressalta que o gênero diário “fixa o tempo passado, que se esvanece atrás de nós, mas também por apreensão diante do nosso esvanecimento futuro”. Assim, embora a escrita da obra *Quarto de despejo* (2014) se volte, em grande parte, para um passado e possua marcas da oralidade, a autora consegue construir uma narrativa que adentra a ficcionalidade, de modo a conferir visibilidade às vozes silenciadas.

Dessa forma, este artigo, ao analisar aspectos que concernem à memória e à resistência em *Quarto de despejo*, sobreleva a força de uma mulher negra, pobre e pouco instruída que conseguiu sobreviver ao caos de sua época através da escrita.

Para tanto, a pesquisa será constituída a partir de uma investigação bibliográfica de caráter analítico e fundamentada mediante postulações de autores como Halbwachs (2013); Evaristo (2005); Lejeune (2014); Bosi (2002); Ribeiro (2017) e outros.

LITERATURA, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA EM *QUARTO DE DESPEJO*.

O sociólogo e crítico literário Antonio Candido, em “O direito à Literatura”, (1995, p. 177), aponta que “a Literatura é um bem incompressível, que em espécie de objeto construído tem um grande poder humanizador”. Para o estudioso, o texto literário exerce um papel de formação nas pessoas, ao representar não só a cultura, mas também as emoções de quem a produz e de quem a consome.

Em *Quarto de despejo* (2014), podemos experienciar uma narrativa que humaniza e, ao mesmo tempo, chama atenção para temas que são recorrentes nas produções literárias brasileiras, a exemplo da fome, da pobreza, e do preconceito. A obra mescla aspectos biográficos com elementos da ficção, como podemos observar na passagem abaixo:

Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. (...) E preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela (Jesus, 2014, p. 58).

Nesse trecho, a escritora ficcionaliza suas percepções, ao tempo em que cria imagens que permitem ao leitor articular o imaginário com o “real”. Isso ocorre porque a escrita tinha, de certa forma, uma função catártica na vida de Carolina de Jesus, pois servia como um mecanismo de libertação diante da sua realidade traumática. Assim, a escritora manifesta a fuga do “real”, também, através da representação dos seus sonhos, que sempre estão vinculados à ideia de sair da favela e de saciar sua fome e a dos seus filhos, como é perceptível no fragmento abaixo:

Sonhei que eu residia numa casa residível, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. Eu ia festejar o aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu ia comprar-lhe umas panelinhas que há muito ela vive pedindo. Porque eu estava em condições de comprar. Sentei na mesa para comer. A toalha era alva ao lírio. Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Quando fui pegar outro bife despertei. Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, as margens do Tietê. E com 9 cruzeiros apenas. Não tenho açúcar porque ontem eu saí e os meninos comeram o pouco que eu tinha (Jesus, 2014, p. 39).

No excerto, nota-se que o “real” e o fictício se misturam, evidenciando o desejo que a narradora possui de sair da favela. Além disso, pela pena da autora, verificamos a metaforização da relação entre favela e cidade, que é revelada através das diferenças entre

esses dois espaços que estão próximos quanto à localização, mas distantes quanto à realidade de quem os habita: “não residia na cidade. Estava na favela. Na lama”.

Ao metaforizar os dois *lócus* supracitados, a narrativa concebe a favela como o local onde se joga tudo o que não se quer mais: “estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo” (Jesus, 2014, p. 37). Essa metáfora sugere que as favelas são, frequentemente, tratadas como espaços onde as pessoas são marginalizadas e esquecidas, do mesmo modo em que o lixo é descartado e esquecido pela sociedade. A metaforização do espaço em que a autora residia se faz presente, também, em outras passagens:

...As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo (Jesus, 2014, p. 37).

No trecho acima, a escritora reafirma as contradições existentes entre o espaço citadino e a favela, mas revela, sobretudo, a falta de infraestrutura e saneamento básico em Canindé. Em *Quarto de despejo* (2014), a cidade é sempre descrita de forma idealizada, o que se deve ao fato de que Carolina de Jesus morava na favela, mas não se sentia pertencente ao local.

A fome surge como antagonista na narrativa e é também construída através de metáforas, pois a escritora a descreve com a cor amarela. Em virtude dos altos preços dos gêneros alimentícios, a autora via a fome como a escravidão atual. Assim, ela descreve o seguinte:

Não tomei café, ia andando meio tonta. A tontura da fome é pior do que a do álcool. A tontura do álcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estomago. Comecei sentir a boca amarga. Pensei: já não basta as amarguras da vida? Parece que quando eu nasci o destino, marcou-me para passar fome. Catei um saco de papel. Quando eu penetrei na rua Paulino Guimarães, uma senhora me deu uns jornais. Eram limpos, eu deixei e fui para o depósito. Ia catando tudo que encontrava. Ferro, lata, carvão, tudo serve para o favelado. O Leon pegou o papel, recibi seis cruzeiros. Pensei guardar o dinheiro para comprar feijão. Mas, vi que não podia porque o meu estômago reclamava e torturava-me (Jesus, 2014, p. 44).

Esse episódio retrata os efeitos da falta de alimentos para o corpo humano, acentuando que isso causa tremor, uma das principais formas pelas quais a fome se faz perceber. A tontura oriunda da escassez de comida exprime, de forma precisa e tocante, a pobreza da

personagem. Carolina de Jesus sustentava sua família com o dinheiro que conseguia catando papelão, ferro e outros objetos, mas o que ganhava, muitas vezes, não dava nem para o básico, por isso vivia lutando contra a fome e contra a pobreza.

Ribeiro (2017) afirma que o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas. No caso de Carolina de Jesus, o fato de ser uma mulher negra e pobre fez com que sua experiência fosse ainda mais traumática, pois a sociedade da época era extremamente misógina e preconceituosa. Desse modo, ao refletir sobre questões de gênero, a protagonista rejeitava os relacionamentos amorosos devido às suas experiências passadas e à observação dos casais na favela, nos quais as mulheres eram subjugadas pelos maridos, vivendo vidas comparadas às de escravizadas indianas:

Elas tem marido. Mas, são obrigadas a pedir esmolas. São sustentadas por associações de caridade.

Os meus filhos não são sustentados com pão de igreja. Eu enfrento qualquer espécie de trabalho para mantê-los. E elas, tem que mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. A noite enquanto elas pede socorro eu tranquilamente no meu barracão ouço valsas vienenses. Enquanto os esposos quebra as tabuas do barracão eu e meus filhos dormimos socegados. Não invejo as mulheres casadas da favela que levam vida de escravas indianas.

Não casei e não estou descontente. Os que preferiu me eram soezes e as condições que eles me impunham eram horríveis (Jesus, 2014, p. 16-17).

Nesse trecho, a escritora descreve e critica a submissão das mulheres da favela, que, além de sofrerem inúmeros tipos de violência por parte de seus maridos, eram obrigadas a pedir esmolas para sustentar a família, enquanto ela batalhava arduamente para não depender dos homens.

Ao reclamar seu lugar de fala, a protagonista da narrativa assume sua condição feminina e negra. Assim, *Quarto de despejo* (2014) deixa de ser um mero registro do dia a dia e torna-se um documento de resistência à misoginia e ao preconceito. Nessa direção, ressaltamos o que pondera Conceição Evaristo (2005):

Pode-se dizer que o fazer literário das mulheres negras, para além de um sentido estético, busca semantizar um outro movimento a que abriga todas as nossas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se torna o lugar da vida (Evaristo, 2005b, p. 54).

Posto isso, entender a condição da mulher negra e seu lugar social requer um resgate da memória negra. No texto Caroliniano, isso ocorre através de relatos de situações discriminatórias do cotidiano e da recordação de fragmentos do passado.

Sá (2005, p. 291) considera que a memória humana não é uma mera reprodução de experiências passadas, mas sim uma forma de reconstrução dessas experiências de acordo com a realidade presente, com recursos da sociedade e da cultura. Dessa maneira, Carolina de Jesus reconstrói uma memória que faz parte da sua ancestralidade, ao passo que mostra a atemporalidade do racismo, descrevendo a violência e o anulamento sofrido por negros e negras ao longo dos anos, como mostram os relatos contidos em *Quarto de despejo* (2014).

No trecho abaixo, a escritora faz referência à abolição da escravatura, acontecimento que determinou o fim da escravização de povos negros no Brasil:

13 DE MAIO Hoje amanheceu chovendo. E um dia simpático para mim. E o dia da Abolição. Dia que comemoramos a libertação dos escravos.

...Nas prisões os negros eram os bodes espiatórios. Mas os brancos agora são mais cultos. E não nos trata com desprezo. Que Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam feliz (Jesus, 2014, p. 30).

Nesse fragmento, a narradora faz referência à abolição, mas, sobretudo, aos traumas deixados pelo período escravagista, que tomam foco quando Carolina de Jesus salienta a inferiorização da população negra. Com isso, além de expor suas experiências enquanto mulher negra, a escritora consegue dar visibilidade às questões relativas aos resquícios da colonialidade escravocrata, que ecoam nos dias atuais, tendo em vista que, até hoje, negros e negras sofrem discriminação e preconceito que são “ecos” desse nosso passado colonial (Morais, 2008).

Caimi (2020), ao refletir sobre a memória em *Quarto de despejo* (2014), afirma que a obra testemunha a história da luta e da opressão a que estão confinados os pobres no Brasil, e que a escrita de Carolina de Jesus é um ato de luta por dignidade e resistência à exploração e à desumanização, fatos impostos pela história. Nessa perspectiva:

Esse passado presente no texto de Carolina se articula com um “presente contínuo” que está pautado nas vivências coletivas de violência extensa do processo colonial, com seus massacres; da escravidão, estendida em tempos de país independente, já que traça uma linha de continuidade sustentada na desigualdade e exclusão (Caimi, 2020, p. 249).

Dessa forma, Caimi (2020) evidencia, ainda, que *Quarto de despejo* (2014) ingressa no contexto literário como uma narrativa que trata de questões ligadas à memória da

colonialidade escravagista, ao exibir fragmentos do passado e da luta por sobrevivência dos negros diante de um contexto de repetidas violações de direitos.

Destarte, Maia e Melo (2020), ao discutirem sobre o processo de colonização, argumentam que, além de se apropriar e de explorar os meios materiais e econômicos, foi um processo que atuou, também, invisibilizando e apagando todos os aspectos que pudessem deixar florescer as origens e os costumes dos povos colonizados.

Em sentido oposto, em *Quarto de despejo* (2014), percebemos que Carolina de Jesus assume, muitas vezes, alguns traços da sua cultura, ao falar do seu cabelo, de padrões sociais típicos das sociedades africanas e, principalmente, ao impor sua voz na narrativa:

...Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondiame:

—É pena você ser preta.

Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. E indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta.

...Um dia, um branco disse-me:

—Se os pretos tivessem chegado ao mundo depois dos brancos, aí os

brancos podiam protestar com razão. Mas, nem o branco nem o preto conhece a sua origem. O branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto, atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém (Jesus, 2014, p. 64-65).

Nesse excerto, observamos que a violência contra a população negra não se opera apenas por meios físicos, mas também no nível psicológico, quando negros e negras têm suas características físicas depreciadas e menosprezadas em detrimento dos padrões da branquitude. Podemos notar, ainda, a autoafirmação da autora, que confronta a posição do agressor ao reforçar que adora sua pele e seus cabelos, que são traços identitários muito estigmatizados. Nesse sentido, na narrativa, o cabelo afro, constantemente associado a estereótipos negativos, como desleixo, sujeira ou rebeldia, representa um símbolo de resistência.

Para além disso, no que concerne ao fio memorialístico de que dispõe *Quarto de despejo* (2014), vale ressaltar o que pondera Maurice Halbwachs (2013). O sociólogo francês destaca que a memória deve ser vista como um fenômeno social, pois a lembrança é fruto de um processo coletivo e está sempre inserida em um contexto social. Nessa direção, a memória

produzida e reproduzida pela autora da obra ora analisada diz respeito não só a sua experiência enquanto subalternizada, mas a todas as pessoas que tiveram seus direitos violados e que, até hoje, sofrem com os resquícios escravagistas.

Carolina de Jesus faz uso dessas lembranças para criticar o preconceito e a discriminação contra negros e negras, de modo que o passado é demasiadamente rememorado na narrativa, sobretudo quando a escritora expõe memórias ligadas à exploração e às violências contemporâneas contra a população negra. Walter Benjamin (1994, p. 224) ressalta que “articular o passado historicamente não significa conhecê-lo tal como ele foi. Significa apoderar-se de uma lembrança na forma em que ela cintilou no estante do perigo”. No trecho abaixo, a escritora apodera-se da memória para denunciar os maus tratos às pessoas negras:

...Eu estava pagando o sapateiro e conversando com um preto que estava lendo um jornal. Ele estava revoltado com um guarda civil que espancou um preto e amarrou numa árvore. O guarda civil é branco. E há certos brancos que transforma preto em bode expiatório. Quem sabe se guarda civil ignora que já foi extinta a escravidão e ainda estamos no regime da chibata? (Jesus, 2014, p.108).

Nessa parte do texto, há uma crítica à manutenção de práticas racistas e à segregação racial que ainda perduram na sociedade. A memória se materializa quando a escritora trata da escravização e do regime da chibata, eventos que expunham negros e negras à violência física através de castigos corporais. Ao comparar a situação dos escravizados do passado brasileiro com a vida da população negra de sua época, a literata faz uma denúncia desses atos racistas.

Nessa ótica, Carolina de Jesus utiliza a literatura como um recurso de resistência diante da sua realidade amarga. Resistir, para Alfredo Bosi (2002, p.118), é opor a força própria à força alheia. O crítico fala, ainda, que a resistência não só denuncia a desordem social, como é fruto dela.

Portanto, em *Quarto de despejo* (2014), Carolina de Jesus resiste à condição de subalternidade ao imprimir uma visão crítica sobre o racismo e a consequente marginalização dos negros, tornando-se, com isso, exemplo de representatividade. Ao evidenciar o passado em contraposição à situação do seu cotidiano, a autora descreve, de forma fidedigna, as presenças de práticas discriminatórias contra o negro na sociedade da época e que, de certa forma, ecoam nos dias atuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo, compreende-se que *Quarto de despejo* (2014) retrata a dura realidade de uma mulher negra moradora da favela paulistana de Canindé, vivendo em um contexto de fome, de racismo, de invisibilidade social. Entretanto, mesmo diante de todas essas mazelas, ela conseguiu resistir e transformar sua realidade através da literatura.

A história de vida de Carolina de Jesus cruza com a realidade de muitas mulheres que, assim como ela, utilizam a escrita como uma forma de ressignificar suas realidades. Com seu olhar aguçado, a escritora faz uso do seu lugar de fala para denunciar as desigualdades e o preconceito a que está exposta a população subalternizada.

Ao registrar suas impressões particulares através de sequências de acontecimentos que marcaram seu cotidiano, a autora de *Quarto de despejo* (2014) chama atenção para os problemas que afetam não só a ela, mas toda uma coletividade – cujas implicações são verificáveis, ainda, na atualidade – que faz parte da construção social e cultural do nosso país. Destarte, sua obra tem uma grande importância para a literatura brasileira, pois focaliza a realidade com dilemas que até hoje se fazem notar.

Consequentemente, o impacto da obra e sua atemporalidade se dão pelo fato de que a narrativa trata de problemas que são recorrentes na sociedade brasileira, introduzindo, no universo literário, o discurso dos marginalizados sob a perspectiva de quem vivenciou as mazelas narradas, discursos esses que foram, por muito tempo, invisibilizados. Portanto, *Quarto de despejo* (2014) constitui-se, também, como um espaço de memória e resistência.

REFERÊNCIAS

BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio P. Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, v. 1)

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002

CAIMI, Claudia Luiza. **Assombros da memória em “Quarto de despejo: diário de uma favelada”**, de Carolina de Jesus. Revista Letras, Santa Maria, v. 30, n. 61, p. 245-260, jul./dez. 2020 Disponível em:

<<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/236685/001137717.pdf?sequence=1>>.

Acesso em: 08 mar. 2023.

CANDIDO, A. **Vários escritos**. Edição revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

EVARISTO, Conceição. **Da representação à auto-apresentação da mulher negra na literatura brasileira**. Revista Palmares: cultura afro-brasileira, Brasília, ano 1, n. 1, ago. 2005b. p.54-57

FARIAS, Tom. **Carolina uma biografia**. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2017.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha; Maria Inês Coimbra Guedes. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

MAIA, Bruna Soraia Ribeiro. MELO, Vico Dênis Sousa de. **A colonialidade do poder e suas subjetividades**. Teoria e Cultura Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFJF v. 15 n. 2 Julho. 2020 Disponível em:
<<https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/30132>>. Acesso: dia 09 fev. 2023.

MORAIS, Francinaldo de Jesus. **ECOS DA ESCRAVIDÃO: memória e “imagens identitárias” de indivíduos negros em Caxias-MA. (1980-2000)**. Imperatriz-MA. Ética Editora, 2008.

RIBEIRO, D. **O que é: lugar de fala?**. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

SÁ, C. P. (2005). **As memórias da memória social**. In C. P. Sá, *Memória, imaginário e representação social*. (pp. 63-86). Rio de Janeiro: Museu da República.